

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 2.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 19 DE JANEIRO DE 1873.

Resolvemos, para assegurar ao nosso periodico mais duradoura existencia, augmentar-lhe uma columna, diminuindo a enorme despeza que faziamos com o papel.

Pouco ou nada perdem os leitores com esta nossa resolução.

Damos hoje publicidade ao seguinte artigo—*Rabiscas*—, d'um intelligente e modesto mancebo portuguez, á quem pedimos que continue a mimosear-nos com seus escriptos.

Rabiscas.

—As mulheres, o jogo e o vinho—essas tres poderosas alavancas, que tanto trabalhão para a perdição da mocidade, imperão hoje com todo o esplendor e cynismo.

Passae a horas mortas por essas ruas, onde habitam a torpesa, o jogo e a crapula, e vereis como a mocidade entrega-se sem reserva a toda a sorte de desvarios que a mente lhe suggere, sem pensar nos funestos resultados que d'esses desmandos lhe provém.

Vereis n'esses prostibulos—moços intelligentes, entre os braços de meretrizes, que em troca de fingidos affagos e falsas caricias, tudo com arte estudado, lhes rou-

bão a saude tão preciosa, e lhes arruinão a bolsa, com cujo producto sustentão essas bachanaes e orgias.

N'esses beijos impuros, com que lhes manchão o rosto, lhes sorvem a vida, n'esses abraços fingidamente freneticos, lhes cavão a sepultura!

Deixa-se o homem seduzir pelos carinhos dessas mulheres sem consciencia, e, quando um dia a razão, até ali impossivel, lhe brada:—já basta—é que elle considera os passos que deu, ao ver-se em lastimavel estado, quasi sempre—pobre e sem saude—.

O jogo, vicio não menos terrivel, e fillo muitas vezes de mãos principios, concorre da mesma forma para a ruina da mocidade. Quantas vezes em lupanares nojentos, á luz de enfiuagados candieiros, vão sentar-se os jovens geralmente estimados, que, vendo n'um momento fugir-lhes das mãos o fruto do suas economias, jogão o alheio, rouhão o proximo para satisfazerem essa abominavel paixão, de que se deixaram apoderar, esse vicio que os obriga a commetter as maiores indignidades, a praticar as mais nefandas acções, e que por fim os deixa miseraveis e sem honra.

D'ali á embriaguez pouco vae, si já não é ella comparsa n'essas scenas.

Os desgostos, os desprezos da socie-

dade, e—as mais das vezes, os máos companheiros os conduzem ás orgias, onde só reina a devassidão e a crapula. Ali mergulhão no lodagal do vicio a ultima ponta do tanto que ainda lhes restava intacta, deixão-se adormecer ebrios nos braços das mulheres perdidas, e quando os primeiros raios do dia vêm aclarar esse quadro, erguem-se macilentos, cadavericos, ollhão em roda, e nem si quer cõrão de vergonha á vista de tão asqueroso espectáculo!

Sepullião no fundo das taças as santas recordações da familia, esquecem o exemplo que receberam de um pae modelo, de uma mãe carinhosa, que talvez a essa hora, sem forças para trabalhar, se veção a braços com a miseria, enquanto que os fillos desperdição com mãos largas aquillo que lhes bastaria para saciar a fome!

Mais tarde, porem, quando lhes vem a consciencia dos actos que praticaram, já quasi sempre é fora de tempo, e em vão tentão recuperar o que, com tanta facilidade, perderam. Veem-se então aborrecidos da sociedade, evitados por todos, até pelos proprios seus,—abi lição miseraveis^{Na-} sem honra e quasi sem vida.

Feliz d'aquelle á quem a razão mostra cedo o errado caminho que trilha, e que, antes de precipitar-se no abysso, tem uma mão amiga que o salva!

FOLHETIM DO DOMINGO.

Regeneração e honra.

(Semi-romance).

A BRU AMIGO A. AZEVEDO.

(VII. e II.)

V.

Como já sabemos, Affonso d'Andrade, desesperançoso e desesperado de não encontrar Sophia, havia voltado.

Um remorso, porem, torturava-lhe agora a alma.

—O que será feito d'ella? inqueria elle á si proprio—á minha imprudencia d'um momento que de males não lhe poderia causar! Se tivesse morrido, talvez fosse a sua felicidade; mas, si assim não succeden, o que não terá ella soffrido por minha causa?... E entretanto, dizia

com desespero, estou livre—estava prompto a recebê-la por esposa, para reparar o meu crime, e não a encontro!... Saúdo Deos! que assim me punes! Sim, ha de ser um castigo, bem sei, porque estas lembranças, este remorso, hão de sempre fazer-me soffrer...

E assim era.

Quando Affonso chegou a sua provincia, nada o distrahia: tinha sempre Sophia no pensamento. Queria voltar para Maranhão.—Mas, para que?—lembrava-se logo—ella já lá não está...

Passou-se um anno.

Mas, Affonso, não podia jámais esquecer-se da pobre Sophia.

—Si ella ainda não morreu, hei de encontrá-la... pensou elle consigo afinal; vou viajar, correr todo o Brazil.

E assim decidiu.

Partiu, e destinou-se a todas as provincias do

Imperio: em cada uma d'ellas, não só corria toda a capital, como quasi todo o interior.

Faziam já dous annos desde que pela ultima vez Affonso partira de sua provincia, quando chegou a Pernambuco.

Em uma tarde das que elle destinava para a sua indagação, em uma janella, vê uma menina de quatro a cinco annos de idade, loura e risuinha. Era o retrato de Sophia. Encarou-a fixamente, e ella, tão terna, acconava-lhe sorrindo.

Affonso aproximou-se da janella.

—Como está, minha menina; diz-lhe, como se chama?

—Julia; para que quer saber? E queria fugir.

—Não tenha medo; ouça uma cousa: como se chama sua mãe?

—Eu tenho duas mães.

—Duas!—como ellas se chamam?...

—Uma, que é minha mãe e madrinha, cha-

Com quanto grande parte da mocidade esteja contaminada por esses tres genios destruidores, que lhe roem as entranhas, encontrão-se facilmente manebos que sabem apreciar a vida tal qual o exige a sociedade.

Vê-se como elles se esmerão no desempenho das missões que lhes são confiadas, e como sabem desviar-se de tudo quanto pôde prejudicar-lhes a reputação.

E no fim de suas fidas diarias, como é bom vel-os recolherem-se ao seio da familia querida, e ali passarem os momentos do descanso, junto d'esses entos charos, cujas alegrias partilhão, e de quem recebem palavras de consolação nas horas do soffrer.

Fallae-lhos, devassos, n'essas noites que passaes abraçados ao vicio e á corrupção, aconselhae-os a esquecerem o lar que tanto presão, e vereis como vos respondem com as palavras de um escriptor contemporaneo:

«A familia é na terra a beatificação da vida do homem; a familia é o mundo em festa no lar domestico; a familia é a immensa vida de amor, em que se identificão algumas vidas que se amão, que se abração, que se completão; a familia é a consolação no infortunio, o suave descanso no fim do trabalho e das lidas, é o rir de muitos pela felicidade de cada um de seus membros, é na extrema hora o cõllo em que se encosta a cabeça para dormir o ultimo sono, é o pranto de amor que orvalha a sequidão da morte, a mão de amor que religiosa fecha os olhos do morto.»

Novembro—1872.

G. T.

NOTÍCIAS DA PACOTILHA.

Graças á festa de N. S. dos Remedinhos

ma-se minha mãe Rosa, e a outra, que é só minha mãe, chama-se minha mãe Sophia.

—Sophia!!

—Sim, Sophia—acha feia nome? Pois não é.

—Não, não acho... e onde estão ellas?

—Estam ahí dentro: quer vel-as?

—Não, não é preciso... E seu pae como se chama?

—Gilberto; mas já morreu.

—Gilberto?!

—Sim, Gilberto, o que tem?

—Nada; mas a menina está fallando serio?

—Ora, você está caçoando: eu chamo a minha mãe Rosa. E dizendo estas palavras, a menina foi correndo para dentro.

Passado um momento appareceu na janella uma senhora ainda moça e bella, que vinha acompanhada da menina Julia.

—Olhe, ali está elle, disse-lhe esta, apontan-

do aos *bonds*, o largo de S. Pantaleão (que nome!) deu signal de vida.

Mas que iluminação!

Aquelle é o gosto chinéz por excellencia, é o chiquismo, é tudo!

Imaginem uns triangulos artisticos de madeira sarapintada, artisticamente pregados nos mastros das bandeiras. Em cada uma das tres extremidades de cada triangulo, uma lanterna artistica, onde brillava uma vela de canahuba; mas isto sem symetria,—pois esta acha-se fóra da moda.

Abaixo das figuras de cêra aquillo!

E abaixo daquillo, só o letreiro da taboleta de uma casa de pasto, que tambem pertencia á festa e que foi funcbrenmente estabelecida á illarga do cemiterio Inglez.

Si não leram-no lá, leiam-no aqui:

ATENÇÃO!!

aqui á de tudo com franqueza e bom located, sou amigo do barateiro, a, *Ninguém vende fado*.

Uma casa de médidas escura e acanhada, um leilão acanhado e escuro, um enredo, e muitos foguetes completavam a festa.

—Encosta-se hoje, neste periodico, a publicação de umas cartas entre o Sr. Francisco—da roça, e um seu compadre—da cidade. Muita gente ha de crer que é uma fabula a existencia dellas: pois não senhor. São escriptas e recebidas; e se vieram parar ás mãos do redactor do *Domingo*, é que as forneço sempre por cõpia. Agora—como faço isto, não é da conta de ninguém.

—O serviço da Ferro-Carris tem andado a razão de juros. Deu causa á este transtorno a recente demissão dos amestrados, e a inexperiencia dos neophitos—admittidos em substituição.

do para Affonso que se havia afastado para o meio da rua.

—Perdão, minha senhora, diz Affonso, comprimendo-a—não me susteve a curiosidade em perguntar quem era esta menina, porque as suas feições muito me pareceram com as de uma pessoa que procuro e que muito me interessa encontrar; mas já sei que me enganai. E' verdade, acrescentou, que a sua mãe chama-se Sophia, como me disse ella?

—E' exacto; Sophia Borges.

—Sophia Borges!...

—Sim, senhor; conheceu-a?

—Não senhora. E' seu pae?

—Gilberto, já lhe dissolnterrompeu a menina.

—Sim, é verdade; disse a senhora—chamava-se Gilberto do Amaral: só viveu deus annos casado; morreu sem que ella tivesse ao menos a felicidade de conhecel-o.

Dou um queijo a quem me apontar mais uma novidade, digna de figurar na *pacotilha*.

A redacção do *Domingo* manda agradecer e retribuir á da *América Illustrada*, interessante jornal humoristico e caricato de Pernambuco, a remessa do mesmo jornal.

O Domingos.

Verdi.

Se alguém, percorrendo as immedições de Busseto, perguntar a qualquer habitante, onde é a morada do *maestro* Verdi, immediatamente lhe será respondido em tom d'emenda:—«Pergunta pela morada do *professore*?»

Em compensação porém o interrogado largará o trabalho, e alegre e contente, cantarolando qualquer das melodias do *maestro*, partirá a ensinar a casa desejada.

E' preciso reparar bem na palavra *professore*, substituida á de *maestro*, saber a importancia que os italianos lhe ligam em questão de musica, para se avaliar e comprehender o grau de consideração que elles dispensam ao *maestro*.

E depois, Verdi não é para a Italia o continuador das suas glorias lyricas, não é mesmo o representante de *para* escola italiana, no meio da revolução musical que se tem operado na Europa nos ultimos 60 annos, é uma entidade que representa um dos sentimentos mais elevados que se realisam na alma humana; Verdi para os italianos symbolisa o paiz, as aspirações á liberdade, a creença no progresso e as esperanças d'um futuro, onde só haja risos, felicidades e luz.

Quando a Italia, vivvemente confida pe-

—Obrigado, minha senhora, tornou-lhe Affonso, despedindo-se; queira desentpar-me...

—Não tem de que.

Cumpre-nos uma explieação:

Sophia, que se havia regenerado, que havia recusado a compadilha de sua prima, ficara com esta em Maranhão.

Os negocios, porem, do marido de Rosinha obrigaram-na a ir residir em Pernambuco, d'onde elle era filho. Novamente, portanto, elle e sua mulher instaram com Sophia para que os acompanhasse. Sophia, por fim, accitou, porque tambem pensou que ia para uma terra estranha, onde ninguém a conhecia.

Mudaram-se pois para Pernambuco justamente pelo tempo em que Affonso de Andrade havia de sua provincia partido para Maranhão, afim de procurar por Sophia.

A menina que Affonso acabava de ver era

las forças dos dominadores, tinha que abafar os gritos de liberdade, que lhe irrompiam d'alma, para os não completar com os derradeiros gemidos d'uma sangrenta agonia, achava um lenitivo, como só saberão comprehender os que soffreram aquellas dores, em clamar—Viva Verdi.

Este nome, que pertence a um verdadeiro patriota, é o anagrama de—*Victor Emmanuel Ré d'Italia*. E' por isso que Verdi d'um canto á outro da Italia, sem ser o primeiro homem, é um dos principaes.

Emquanto porém a Italia, presta homenagem ao seu talento e patriotismo, a Europa admira e applaude o maestro que durante tantos annos tem sabido commovel-a e enthusiasmal-a.

Verdi tem o dom particular de apropriar o canto á letra de maneira tal, que uma phrase a que elle applicou uma certa e determinada melodia, parece ter em contrado a sua unica e exclusiva expressão musical.

Os seus effectos são devidos á exploração dos contrastes.—Ninguém como elle sabe preparar e dispor essas scenas em que a seu bello prazer, apoderando-se do animo do espectador, o arrasta, commove e enthusiasma.

Censuram-lhe os criticos que elle actua mais directamente sobre os nervos, que os seus effectos são mais acusticos e filhos do estudo destinado a realisar um certo phomeno mais da sensação do que do sentimento. . . deixaremos a questão a decidir aos mestres. Nós, só diremos que nos enthusiasmamos com aquellas melodias ora suaves, melancolicas e ligeiras, ora sarcasticas, firmes, e tempestuosas.

justamente, como elle suppoz, filha de Sophia; era porém tambem sua—era o fructo da deshonra d'essa desditosa moça. A senhora com quem acabava de fallar, era Rosinda, a virtuosa esposa de Fernando d'Oliveira,—a boa e caridosa prima de Sophia.

Como sabemos, Sophia havia pedido que nunca dissessem á sua filha quem era sua mãe; mas, por fim, entenderam que não era justo que essa criança, vivendo com ella, ignorasse quem era. Fizeram bem.

A mãe, por má que seja, o termo-la é um bem. Sabia pois a menina que Sophia era sua mãe verdadeira. Quem era seu pae é que ella ignorava: diziam-lhe quando ella perguntava que se chamava Gilberto e que havia fallecido deixando-a pequenina. Podiam dizer que se chamava Affonso; mas Sophia tinha um tal horror á esse nome que não o podia ouvir pronunciado.

Conta-nos um dos seus biographos que Verdi apenas possui tres generos d'affeições levadas por elle ao ultimo grau de desenvolvimento:—o amor da arte, o sentimento nacional e a amizade.

O amor da arte está bem provado na luta em que se tem empenhado desde que o director do conservatorio de Milão, o não quiz admitir como alumno de contraponto por lhe achar—*uma phisionomia muito chata*, até hoje, em que, como todos os homens verdadeiramente eminentes, se vê cercado de inimigos, e de criticos.

Como elle tem amado a sua patria, prova-o exuberantemente a Italia, que de certo não levou ao parlamento o auctor nem do *Rigoletto* nem do *Trovador*, mas sim o cidadão que não temia lançar aos quatro ventos do espaço, quando escrevia o *Attila*, durante uma época de escravidão, este hymno de liberdade:

*Cara Italia, già madre regina
Di possenti magnanimi figli;
Or mueria, deserto rovina, etc.*

e a que o còro responde:

«Nova phenix tu resurgirás das algas da tua vasta marinha» etc. . . .

Resta a amizade. A este respeito transcrevemos o que diz Leon Escudier:—

«Verdi comprehende este sentimento em toda a sua estensão, e na sua mais larga e delicada accepção.

«Para Verdi a amizade é a confiança, a dedicação, e a generosidade. Sómente, como todas as naturezas escolhidas, Verdi não é prodigo d'este sentimento, tão nobre em si proprio, e que tão banal o tem conseguido tornar. E' frio e reservado para com os simples conhecidos, até que a frequencia das relações,

Foi por isso que, muito naturalmente, essa criança havia respondido as perguntas que Alfonso lhe fizera.

E Rosinda disse mais a este que o pae de Julia chamava-se Gilberto; que tendo-se casado com Sophia fallecera em pouco tempo.

Affonso pois assim pensou:

—Casou-se, não ha duvida, esqueceu-se e nem precisou de mim. E eu que a julgava perdida. . . que tanto tenho soffrido por sua causa. . . Embora; foi bom assim. . . ao menos não sentiu a condemnação da sociedade; ao menos talvez não tivesse assim amaldiçoado o meu nome. Ha de unicamente conservar de mim um odio intranhavel. Si não se tivesse casado, mais depressa me perdouria: desejaria lavar a sua nodoa; mas hoje, que todos sabem que ella é uma viuva comportada,—não precisa do meu nome; não acreditará em summa no meu arre-

homogeniedade dos caracteres, a communhão de idéas, ou uma occasião qualquer, apertando os laços, gera a amizade.

Mas a partir d'este momento e para a vida e para a morte.»

«Ha n'elle dois Verdi; o de toda a gente, e o dos amigos.

O primeiro (e não o lisongeamos) é aspero, feroz, brusco, chegando até alguns a chamar-lhe *urso*. Amedronta-o um convite, um jantar, uma *soirée*, ou um baile, são para elle um verdadeiro supplicio. A sua espinha dorsal tem bem pouca elasticidade. Era incapaz de esperar cinco minutos na ante-camara, e embora fosse no palacio real; e diria a verdade a um monarcha—aquelle, d'entre todos os homens o que mais raramente o ouve.»

«O outro é affavel, conversador, eloquente, e gosta de passar horas inteiras em *cacaco* intimo, fallando bellas-artes, litteratura ou politica. E' então que aquelle, que tem a fortuna de fallar com elle, penetra o segredo d'esse perfeito bom senso d'essa experiencia, e sabedoria que fazem do artista, nos momentos das discussões serias, o homem sosegado, pratico, prudente, o patriota sincero, o verdadeiro amigo do seu paiz, a quem o sentimento nacional não impelle a cegos devaneamentos, nem as desilusões fazem esmorecer.

Parece-nos ter deixado bem desenhados os traços principaes da feição do homem; o compositor é por todos bem conhecido, porque não ha ninguem que o não tenha applaudido desde *Oberto* e *Nabucco*, seus primeiros e agigantados passos até ao *D. Carlos* e *Aida* ultimos, por enquanto, monumentos musicaes.

Verdi conhece todas as litteraturas.

pendimento, os meus cuidados e soffrimentos. . . Não me querará ver. Pois bem; agora partirei: não procurarei mais Sophia Borges—antes, devo sempre occultar-me d'ella.

Affonso apressou os passos e desapareceu da casa de Sophia. Passados dias, embarcou para sua provincia.

Por este tempo já o pae de Alfonso havia fallecido; trabalhador e honrado negociante como sempre foi, deixou por sua morte uma não pequena herança á seu filho.

Affonso, tambem já era homem de bem; foi pois por sua vez trabalhar e accumular maior fortuna.

Como podia elle ser feliz si se tivesse casado com Sophia; se tivesse obtido o seu perdão.

A. Britto.

(Continúa.)

Manuscã constantemente Schiller e Goeth, Calderon e Lopes de La Vega, Shakspeare e Byron, e a prova é:—*O Trovador* e a *Força do Destino* extrahida do theatro hespanhol, *I due Foscari* e *Machbet* do inglez, *I Masnadier*, *Luiza Miller* e *D. Carlos* do allemão, *Alzira*, *Ernani*, *Rigoletto*, *Vesperas Sicilianas*, e tantas outras do theatro francez.

Verdi tem o merecimento de se ter formado a si proprio, sem protectores e sem amigos; estudou, trabalhou e conseguiu a força de coragem e de creença no futuro, acorrentar o publico ao seu carro de gloria. A par da gloria tem vindo a riqueza. Verdi é hoje um dos mais ricos lavradores parmesões; repartindo porém grande parte da sua riqueza em alliviar as miserias da pobreza. Encerra do na sua propriedade de S. Agata, ou escreve as suas partituras, ou estuda os desenvolvimentos da agricultura, de que sabe tanto como de musica, manejando com igual maestria a *batuta do maestro* ou a *raabiça do arado*.

Nos seus palacios não ha inscripções, desprezando assim um dos costumes dos ricos da Italia. Um d'elles, o celebre sopraniista Caffarelli fez gravar no frontão do seu magnifico palacio feito a custa dos cabedões que amontou como cantor:—*Amphyon Thebas, ego domum; a que um gracioso ajoutou: Ille cum, tu sine*. Verdi porém na fachada da sua *villa* tem só uma palavra escripta:

LOLELOU

é o nome de um cão, que elle estimava deveras, e que morreu.

L. A.

CARTA I.

COMPADRE ESTANISLAU.

Estimo que estas duas mal traçadas regras o vão encontrar no gozo da mais perfeita saúde, em companhia da comadre e dos pequenos.

Eu cá vou rolando sem ser pipa e mais a mulher—; fazendo das fraquezas forças, vamos vivendo na graça de Deus.

Compadre, desde que V. d'aqui se foi, esqueceu-se inteiramente dos amigos: longe da vista, longe do coração. Entregou-se, ao que parece, em corpo e alma—aos muitos divertimentos, que hão por lá. Já perguntei á mulher: «—O' Francisca, o compadre estará agravado co'a gente, homem?—»

—«Qual, respondeu-me ella, não está, não; aquillo não é outra cousa sinão muita patuscada pela cidade».— Eu sou da sua opinião: *rato que não come mel, quan-*

do como se lambusa; o compadre, que não havia ainda sahido da villa,—foi ver o bom e o bonito. Cidade sempre é cidade.

Mas eu é que de cá não saio, nem á mão de Deus Padre. *Mais vale um tolo no seu, que o avisado no alheio.*

Compadre, peço-lhe que me dê novas dessa terra: sobre tudo me conte com todos *ff* e *rr* o que é um *bond*. Por aqui falla-se muito nos *bonds*, mas ninguém sabe o que é. Ha quem se abalance a dizer que são carros que conduzem muitos passageiros, mas esse piço é absurdo. Como muitos vocabulos das demais linguas andam muito introduzidos na portugueza, julgo que *bond* é uma especie de *meeting* ou de *toilette*; enfim, compadre, V. mande-me dizer o que é um *bond*—com os seiscentos!

Por aqui anda tudo ás terras: depois das eleições, que este anno se fizeram em plena paz, não se evitando, contudo, algumas cacetadas e uma facadinha, nunca mais o coronel Mathias se reconciliou com o tenente-coronel Gaspar, porque o major José Pedro, que é sogro do irmão do enahado do capitão Vicente, longe de apasiguar tudo, tomou o partido do tenente-coronel Gaspar, dizendo que o coronel Mathias era filho de um homem que roubou muito patacão ao pae delle, em 1830, e que havia de mandar publicar no *Paiz* uma correspondencia a esse respeito; mas o coronel Mathias é homem serio, casado, e tem cabeça de galo: não se deixa vencer assim com duas razões.

Isto é uma terra de mandões, compadre; não ha typo que não tenha um posto qualquer na guarda nacional, julgando se porisso autorizado a insultar o proximo.

O *Paiz* é um refugio peccatorio: si roubam, *Paiz*; si não se abraçam as ideias politicas de um coronel, *Paiz*; si se mata, *Paiz*; si se é honrado, *Paiz*—tudo—*Paiz!*...

A' fallar nisto—mande-me jornaes, ha muito tempo que não leio o *Publicador*, nem o *Paiz*. Ainda existe o *Apprecavel*? Que fim teve o *Telegrapho*?

E não ha tempo para taes; accoite muitas recommendações da Francisca, deite-a bençam no seu afilhado Francisco, e abraçe o compadre—tambem

Francisco.

Somno de virgem.

Dorme! que és bella como a Venus pudica!
E o leve somno te osculando está!...
Repousa o ermo na modesta camara
Nos langues braços que a volupia dá!

Os tenues lumes da cançada lampada
Pelo aposento vagueando vão;
Pende do nuro o Virginal retabulo
'Stão murchas flores abstrando o chão...

No lindo ambiente de pureza angelica
Tudo transpira a tumular torpor,
Nem mesmo a pendula a cabir monótona
Quebra tal ermo que traduz amor!

Por sobre os moveis elegante avista-se
Branco vestido de sedosa lã,
Lindas bohimas! só de um pé virgineo!
Mimosa lúxa, que não tem irmão!

No fim d'ateova, delicado thalamo
D'alvas cortinas (vestido está,
—Alli a virgem, com languer recosta-se
E dorme o somno que a pureza dá!

E dorme... dorme! seu subtil espirito
Tranquillo adeja ll'osculando a tez...
Tenue roupagem precigiosa ostende-se
Livrando o corpo de total nudez!

Mas os contornos se desenham tremulos
Do sob a gaze de erudo gentil...
—Linda! mais linda que a formosa Medieis
Escripta em marmor por vivas buril!

Olhos cerrados por mimosa palpebras,
Eburneo rosto!... que endureza tem!
Boez pequena, de carmineos labios
Dando um sorriso que se esvae além!

Candidos seios que s'afieiam tímidos,
Como o alvo pendo quem boia sorri,
Unia-se ao collo gracioso, angelico
Da pura virgem, da firmosa buril!

E dorme... dorme!... seu subtil espirito
Tranquillo adeja ll'osculando a tez...
Tenue roupagem precigiosa ostende-se
Livrando o corpo de total nudez!

Lima Baratta.

Soneto.

Naquelle haño, onde ella ir costuma,
foi muito o fabricar do kerosene;
mas faço o juramento mais solemne
do—não deixar de auzi-la em parte alguma.

Que tenho com que a gente se consuma
quando nos damos ao valsar infrene,
e diga que nas voltas do *grand chaîne*,
não sei cautela observar nenhuma?...

Pois eu hei de ficar quido e calado,
pois eu hei de tornar-me n'um torresmo,
quando está tudo *secularizado*?...

E' claro este soneto: e tu, que lês-m'o,
conheças que—dancando—sou *dannado*;
e quem tiver inveja—faça o mesmo.

A. A.